

Publicado no Brasil in *GLOB(AL)*, *Global América Latina/Brasil*, Rede Universidade Nômade, LABTeC/UFRJ número (0) janeiro 2003. Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. Ed. DP&A www.dpa.com.br global.al@terra.com.br. Na Itália, in *Global magazine / Italia* www.globalmagazine.org redazione@globalmagazine.org. No Canadá, in *Parachute Art Contemporain_Contemporary Art*, “Économies bis”, n° 110, 04-05-06-2003, Montreal; p. 128-131.

Acontecimento Lula

Suely Rolnik

Um verdadeiro “acontecimento” parece ter se produzido ao longo da campanha eleitoral de Lula para a presidência do Brasil, para além do fato concreto de sua vitória: o esvaziamento da crença na perversa hierarquia de poder que distribui lugares sociais e os fixa seja no seletivo território-glamour das subjetividades-luxo, seja no vasto território-esgoto das subjetividades-lixo, feito de guerra, favela, tráfico, seqüestro, fila de hospital, criança desnutrida, gente sem teto, sem terra, sem camisa, sem documento, gente “sem”. Mais precisamente, Lula encarna a dissolução da subjetividade-lixo e sua posição de vítima, que na versão brasileira é resultante de 500 anos de uma política de subjetivação colonial, escravocrata, ditatorial e capitalista, herança histórica que tem posicionado o país no topo do *ranking* mundial da desigualdade social.

A figura da vítima pertence a uma política de relação com a crueldade própria da vida, que consiste em denegá-la. A crueldade, condição trágica da vida, se impõe como uma necessidade vital em função do paradoxo irresolúvel entre dois modos de relação que a subjetividade estabelece com o mundo em sua materialidade: como desenho de uma forma, apreendido pela percepção, que traz à subjetividade a existência formal do outro, sua representação; ou como campo de forças, apreendido pela sensação, que lhe traz sua presença viva. Novas experiências produzem sensações dissonantes relativamente às formas através das quais a subjetividade está habituada a situar-se. Tais formas tornam-se então um obstáculo para integrar as experiências que provocaram a emergência de um novo

estado de sensação e, com isso, deixam de ser condutoras de processo e esvaziam-se de vitalidade. Quando este paradoxo atinge um certo limiar, a crueldade tem que se exercer para que se desfaça um mundo que já não tem sentido; ela se exerce através da potência de criação que inventa outras formas de existência e, coextensivamente, da potência de resistência, de luta pela construção e defesa destes novos mundos, sem o que a vida não vinga.

No capitalismo contemporâneo, a subjetividade tende a estar clivada da realidade viva do mundo enquanto campo de forças. A potência de criação, dissociada da realidade sensível que a mobiliza, é capturada pelo capital e posta a serviço do mercado, separando-se da potência de resistência. Restrita ao conhecimento do mundo como forma e, portanto, ao mapa das representações da forma vigente com seus personagens e seus conflitos de interesse, a subjetividade projeta no outro sua experiência da crueldade da vida. O afeto de resistência é interpretado pela matriz dialética, como luta entre opostos - subjetividades reificadas em identidades, cuja luta gira exclusivamente em torno do poder. No entanto, seja qual for o vencedor, em termos de política de desejo, o que vence neste caso é a força do conservadorismo que defende a forma vigente e que, portanto, resiste no sentido negativo, ignorando a diferença da cartografia de sensações emergente e brecando a criação de uma forma de vida que lhe dê passagem.

Nesta política de resistência reativa, a multiplicidade de forças em jogo é silenciada e subordinada a seu enquadramento em apenas duas figuras subjetivas: a vítima e/ou o algoz, avessos de uma mesma lógica. No algoz a luta visa submeter o outro para que, tomado como objeto, possa ser instrumentalizado a serviço da conservação de si mesmo e de sua expansão enquanto tal. Política perversa do exercício da resistência em sua versão negativa, capturada pela forma da violência e que com ela se confunde: desde a violência explícita, física ou moral, até a violência implícita de uma forma “pacífica” que consiste num respeito politicamente correto pelo outro, regado à piedade, que o fixa num lugar identitário. Se no algoz a violência é ativamente assumida, já na vítima ela se justifica como reação à violência do outro, confinado no personagem do “inimigo”. Ela se exerce seja implicitamente no estilo queixoso, sob a forma ressentida e/ou de auto-comiseração melancólica, que detona o outro através da culpa; seja explicitamente no estilo raivoso, sob a forma vingativa e/ou paranóica. Políticas de resistência da vítima que respondem em

espelho àquilo mesmo que pretendem combater – a lógica da violência e seus principais protagonistas, o par vítima/algoz que elas alimentam voluptuosamente.

A vítima acredita nas figuras da subjetividade-luxo e lixo e no valor superior da primeira, ideal de ego que mobiliza admiração, identificação e inveja, aquilo que a psicanálise qualifica como “identificação com o agressor”. Por baixo tanto de sua reivindicação ressentida quanto do ataque vingativo há na verdade uma demanda dirigida à subjetividade-luxo, demanda de valorização social, de reconhecimento, de pertencimento – ou seja, uma demanda de amor endereçada ao algoz.

O “acontecimento Lula” é a deserção viva da figura da vítima. Um corpo que fala desde o lugar da apreensão da realidade viva do mundo como campo de forças. Produzida neste outro lugar, a fala de Lula é portadora da exigência e da liberdade de problematizar a realidade em sua forma atual, em função dos efeitos do encontro com a alteridade variável do mundo. Um tipo de conhecimento que não se aprende na escola, nem mesmo na melhor das universidades, mas a partir de um desejo de correr o risco de expor-se ao outro como feixe de forças que afetam o corpo, agitam e convulsionam a subjetividade, obrigando-a a criar novas cartografias de existência, por exemplo um projeto político para um país. Lula desloca-se da redução do conhecimento do mundo às suas formas e representações e, junto com isso, deixa de naturalizar a forma vigente e a hierarquia de valor social e de saberes que ela implica. Em sua fala não há mais nem lamento ressentido, nem ataque vingativo: a subjetividade-luxo perde integralmente seu poder como referência. Daí a serenidade da presença de Lula: nada a ver com marketing para forjar uma figura *light* de “paz e amor” visando tranquilizar a elite, como quiseram fazer acreditar seus opositores. É esta qualidade de presença que mobilizou pouco a pouco uma ampla adesão, pois ela é portadora de uma potência de contaminação deste desvio na política do desejo de uma parte significativa da sociedade brasileira, desvio que se autoriza, se propaga e leva à vitória. Evidentemente, este não é um processo que começa com Lula, e mesmo se o consideramos enquanto figura como uma força importante na genealogia deste deslocamento histórico, isto não começa com a campanha eleitoral em questão. Podemos destacar três etapas deste processo desde a primeira candidatura deste personagem à cena política.

Daquela primeira candidatura (para governador de São Paulo, em 1982) até a terceira candidatura para a presidência da república (1998), se para uma pequena parcela da massa

de subjetividades-lixo, a parcela militante, Lula funcionou como figura de identificação para o afeto de resistência – que fosse em sua versão vítima ressentida e/ou vingativa –, para a grande maioria ele era visto com desprezo: “sapo barbudo” é o nome que lhe deram na época. Vigora naquele momento a aceitação passiva e naturalizada do lugar de lixo e, portanto, o auto-desprezo, que tornam impensável a quebra da hierarquia segundo a qual habitantes da cloaca não têm competência para ocupar um lugar de comando do país.

A partir da campanha que lhe deu a vitória, opera-se um real deslocamento, que se faz em dois tempos, o primeiro e o segundo turnos. Já no primeiro turno, passa-se a aceitar que Lula dispute este lugar e mesmo a admirá-lo por ter rompido o cerco, mas a hierarquia de valor dos lugares sociais e de saberes que lhes corresponde continua sendo mantida. O sentimento da maioria é de que “ele é como nós”: admira-se que ele tenha chegado “lá”, mas acredita-se que exatamente o fato de ser “como nós” não lhe permite beneficiar-se do conhecimento necessário para governar, como beneficiam-se os coronéis, os empresários, os banqueiros, os tecnocratas ou os *scholars*. A lógica que sustenta este argumento é a do conhecimento do mundo exclusivamente como forma: neste modo de conhecimento, funciona como modelo a forma dominante, o que faz com que se incorpore como natural a hierarquia segundo a qual sabem mais aqueles que pertencem ao salão glamourizado de uma subjetividade-luxo, de preferência se obtiveram PHD ou MBA e numa universidade bem classificada entre as mais prestigiadas. É aliás exatamente este argumento que o principal adversário de Lula, José Serra, priorizou em sua estratégia de sedução do eleitorado.

No segundo turno, a força de contaminação do modo de presença de Lula desloca mais radicalmente a cena. O sentimento da maioria é de que “ele é como nós” e, apesar disso, conseguiu perder o medo de ser humilhado como subjetividade-lixo; ele se autoriza uma fala imanente às sensações que se produzem no encontro vivo com a alteridade do mundo e sabe de seu valor. Esta política de subjetivação propaga-se por todo o campo social: dissolve-se o medo, uma fala viva começa a circular e uma inteligência coletiva se põe em movimento. Embora o candidato adversário, em seu desespero pela ameaça de fracasso, tenha agressivamente insistido no valor da formação universitária e na mobilização do medo de ser comandado por quem não detém este conhecimento, estes argumentos perderam o poder de sedução. ¶

Se consideramos que toda sociedade envolve políticas do desejo e da subjetividade, podemos vislumbrar que estamos diante de uma passagem irreversível de um mundo a outro, mesmo que haja, e com certeza haverá, muitas idas e voltas. Um momento histórico significativo não só pela alegria de uma vitória da esquerda e especialmente de um candidato que reúne em si várias categorias de subjetividade-lixo: de operário metalúrgico a retirante nordestino, imigrante morador da periferia de São Paulo, passando por aleijado de um dedo que alguma máquina engoliu em seus tempos de torneiro mecânico, e que, para completar, fala português “errado”. Este é apenas o aspecto mais visível e óbvio desta alegria, para não dizer ingênuo e, pior do que isso, perigoso, pois pode confundir-se com esperança, afeto triste que alimenta messianismos, populismos e toda espécie de ideal de um mundo fusional sem crueldade, sem resistência e sem criação – ou seja, um mundo sem vida. De outra natureza, menos óbvia mas certamente mais vital, é a alegria pela possibilidade de esvaziamento do inconsciente colonial-escravocrata-ditatorial-capitalista que mantém a grande maioria dos brasileiros reféns de uma hierarquia que os fixa na posição de subjetividade-lixo, vítimas de um suposto destino transcendental.

Se o mundo volta os olhos para o Brasil neste momento é porque a dissolução da figura da vítima diz respeito a uma necessidade que extrapola o cenário nacional: encarnar esta figura é um vício secular da esquerda. A fórmula que o acontecimento Lula propõe para o tratamento deste vício nefasto consiste em encarar a crueldade inerente à vida, libertando a potência de criação de sua captura pelo capital e a potência de resistência de sua interpretação pela matriz dialética. Abre-se a possibilidade de uma política de desejo em que resistência e criação se reencontram, favorecendo a vida em seu processo infinito de diferenciação, processo difícil mas de uma imensa generosidade.

Não será exatamente isso a tão esperada “abertura” que, desde os anos da ditadura militar, os brasileiros chamaram de democrática?